

**A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA DIPLOMACIA: OS DESAFIOS PARA
LEGITIMAÇÃO DA SUA INFLUÊNCIA EM UM MEIO HISTORICAMENTE
MACHISTA**

**WOMEN'S PARTICIPATION IN DIPLOMACY: THE CHALLENGES OF
LEGITIMIZING THEIR INFLUENCE IN A HISTORICALLY MALE- DOMINATED
FIELD**

Natália Bossolan da Silva¹

Victória de Fátima Domingues²

Yasmin Procidio de Aguiar³

RESUMO

Este artigo analisa a participação feminina na diplomacia a partir da série *A Diplomata* (2023), focando nos desafios enfrentados por mulheres em um campo historicamente masculinizado. Por meio da personagem Kate Wyler, discute-se como o machismo estrutural afeta a legitimação da autoridade feminina na atividade diplomática. O presente artigo fundamenta-se em estudos feministas sobre participação e representatividade feminina em cargos políticos e na literatura sobre diplomacia e liderança para analisar os desafios enfrentados por mulheres diplomatas. A análise dos episódios selecionados da série evidencia o duplo julgamento imposto às mulheres, que precisam demonstrar, simultaneamente, firmeza e empatia para serem reconhecidas e legitimadas, o que destaca a desvalorização da competência técnica feminina e a centralidade da aparência e da vida privada. Conclui-se que a representação de Kate Wyler oferece elementos para refletir sobre as tensões entre gênero, autoridade e liderança na diplomacia contemporânea, além de constituir-se como um ponto de partida para diferentes interpretações feministas acerca da participação das mulheres não somente na diplomacia, mas também em espaços de

¹ Graduanda em Relações Internacionais na Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

² Graduanda em Relações Internacionais na Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

³ Graduanda em Relações Internacionais na Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

poder tradicionalmente ocupados por homens.

PALAVRAS-CHAVE: Diplomacia, gênero, participação feminina, machismo estrutural, liderança feminina, poder diplomático, A Diplomata.

ABSTRACT

This article analyzes women's participation in diplomacy through the television series *The Diplomat* (2023), focusing on the challenges faced by women in a historically male-dominated field. Through the character Kate Wyler, it discusses how structural sexism affects the legitimacy of women's authority in diplomatic practice. The study is grounded in feminist scholarship on women's participation and representation in political positions, as well as in the literature on diplomacy and leadership, to examine the challenges encountered by women diplomats. The analysis of selected episodes highlights the double standard imposed on women, who are expected to demonstrate both firmness and empathy in order to gain recognition and legitimacy. This dynamic underscores the devaluation of women's professional competence while placing greater emphasis on their appearance and private lives. The article concludes that Kate Wyler's portrayal provides valuable insights into the tensions between gender, authority, and leadership in contemporary diplomacy. Furthermore, it serves as a starting point for different feminist interpretations of women's participation not only in diplomacy but also in positions of power traditionally occupied by men.

KEYWORDS: Diplomacy, gender, women's participation, structural sexism, female leadership, diplomatic power, The Diplomat.

INTRODUÇÃO

A série *A Diplomata* (2023), da plataforma de *streaming* Netflix, retrata as tensões enfrentadas por mulheres que ocupam espaços historicamente masculinos. Sua protagonista, Kate Wyler, é uma diplomata norte-americana nomeada embaixadora dos Estados Unidos no Reino Unido e que, ao assumir o cargo, precisa exercer autoridade em um ambiente político atravessado por desconfiança,

competição e preconceitos de gênero enraizados. A diplomacia é historicamente marcada pela predominância masculina e, embora tenha passado por transformações significativas nas últimas décadas, com o aumento da participação feminina em altos cargos públicos, a presença das mulheres nesse espaço ainda é repleta de obstáculos resultantes de uma cultura política patriarcal que persiste em associar o poder ao homem.

Mais do que analisar uma produção audiovisual, este estudo busca compreender como representações ficcionais dialogam com debates consolidados nas Relações Internacionais sobre gênero, poder e diplomacia. Ao utilizar a série *A Diplomata* como objeto de análise, o artigo pretende discutir como a ficção pode evidenciar desafios enfrentados por mulheres em espaços diplomáticos e contribuir para reflexões sobre a permanência, os limites e as possibilidades de transformação das estruturas de poder no contexto internacional.

Diante desse cenário, este artigo busca responder à seguinte questão de pesquisa: de que maneira a série *A Diplomata* representa os desafios enfrentados por mulheres na diplomacia e em que medida essa representação dialoga com os debates acadêmicos sobre gênero, poder e legitimidade nas Relações Internacionais?

O objetivo geral deste artigo é analisar como a série *A Diplomata* representa os desafios enfrentados por mulheres na diplomacia e discutir em que medida essa representação dialoga com a literatura sobre gênero e Relações Internacionais. Especificamente, pretende-se compreender como o machismo estrutural influencia a construção da autoridade feminina, identificar como episódios selecionados ilustram debates presentes na literatura e refletir sobre os limites e as possibilidades da participação feminina em espaços diplomáticos.

Ao aproximar uma produção audiovisual da literatura especializada, o artigo busca contribuir para as discussões sobre gênero nas Relações Internacionais, evidenciando como representações ficcionais podem reproduzir, questionar ou problematizar estruturas de poder presentes na prática diplomática contemporânea.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, fundamentada em pesquisa bibliográfica e análise audiovisual de episódios selecionados da série *A Diplomata*. O estudo articula contribuições da literatura sobre diplomacia, gênero e Relações Internacionais para compreender como a narrativa representa os desafios enfrentados por mulheres em posições de liderança diplomática. O referencial teórico

fundamenta-se nas contribuições de Cynthia Enloe (1989), Paul Sharp (2009), Ann E. Towns (2020) e Teixeira e Mota-Santos (2022), sendo complementado pelas reflexões apresentadas por Jacinda Ardern em sua obra autobiográfica."

Além desta introdução, o artigo está organizado em quatro seções principais. Inicialmente, apresenta-se o referencial teórico, discutindo conceitos relacionados à diplomacia, às perspectivas feministas nas Relações Internacionais e à participação feminina em espaços de poder. Em seguida, analisa-se a evolução histórica da presença das mulheres na diplomacia e sua representação em episódios selecionados da série *A Diplomata*. Posteriormente, desenvolve-se uma discussão que relaciona as análises realizadas com os debates apresentados pela literatura especializada. Por fim, são apresentadas as considerações finais, retomando os principais resultados do estudo, suas contribuições e suas limitações.

REFERENCIAL TEÓRICO

Paul Sharp (2009) define a diplomacia como o conjunto de práticas que buscam administrar diferenças e resolver conflitos por meio da comunicação, representação e negociação. Embora pareça neutra, sob uma perspectiva feminista, essa prática diplomática pode ser compreendida como parte de um modelo de atuação moldado por valores patriarcais, no qual o bom diplomata é associado ao homem racional, discreto e estrategista, enquanto o comportamento emocional e empático é desqualificado. Assim, historicamente, a diplomacia foi concebida como um espaço de racionalidade, hierarquia e neutralidade, valores tradicionalmente associados ao masculino.

Ademais, vale ressaltar que a tradição do feminismo liberal, inaugurada por autoras como Mary Wollstonecraft (1792), defende que a ampliação da presença feminina em espaços de tomada de decisão representa um avanço fundamental para promoção da igualdade de gênero, tendo em vista que essa inclusão permite o questionamento de práticas e estruturas culturalmente machistas. Por outro lado, também existem correntes feministas críticas, as quais apontam que apenas a ocupação feminina desses espaços não é suficiente para transformar as bases estruturais do sistema patriarcal, uma vez que além das mulheres continuarem atuando dentro de instituições que precarizam seu trabalho, também carregam a

responsabilidade de realizar o trabalho reprodutivo (tarefas domésticas e de cuidado), resultando na limitação de sua ascensão profissional e gerando exaustão. Essa crítica é desenvolvida por Acker (1990), ao afirmar que: “A entrada das mulheres no mundo do trabalho reproduziu os modos de conduta prescritos para homens, mas o trabalho do cuidado continuou sendo realizado apenas pelas mulheres”.

Embora Sharp descreva diplomacia como um mecanismo de gestão das diferenças, de forma mais ampla, autoras feministas questionam a suposta neutralidade desse processo, a partir da análise desenvolvida por Enloe (1989), é possível compreender que as relações internacionais como um todo reproduzem uma lógica patriarcal que naturaliza a presença dos homens nos espaços de poder e marginaliza o olhar e a experiência das mulheres. Para a autora, a diplomacia é uma instituição atravessada por relações de gênero e, portanto, concebida como uma arena masculina, na qual são definidos os comportamentos considerados legítimos para exercer autoridade, fazendo com que a presença feminina nesse campo seja tratada como exceção ou curiosidade. Dessa forma, mulheres que ingressam na carreira diplomática frequentemente enfrentam a expectativa de reproduzir o modelo tradicionalmente ligado a atuação masculina de liderança para serem reconhecidas como competentes e terem suas habilidades legitimadas. Assim, a desigualdade de gênero na política e na diplomacia não pode ser compreendida apenas como resultado da ausência numérica de mulheres nesses espaços, mas da permanência de uma estrutura institucional e cultural que associa poder e liderança à masculinidade. Nesse contexto, a contribuição de Enloe consiste em demonstrar que essas desigualdades são reproduzidas por práticas, discursos e normas que, embora frequentemente apresentadas como neutras, refletem relações históricas de poder entre homens e mulheres.

O estudo de Teixeira e Mota-Santos (2022) confirma essa análise ao mostrar que, mesmo com avanços – como as cotas e a ampliação da participação feminina em governos e organizações internacionais – as mulheres continuam enfrentando descrédito, desconfiança e sobrecarga simbólica, uma vez que precisam provar competência constantemente e lidar com o chamado duplo julgamento: se demonstram firmeza, são vistas como autoritárias; se expressam empatia, são consideradas frágeis. Essa lógica machista cria barreiras invisíveis à legitimação da

liderança feminina.

Além do duplo julgamento, a ascensão feminina também é limitada pelo chamado teto de vidro, expressão que se refere a um obstáculo sutil que, pode ser transparente e, muitas vezes imperceptível, mas é suficientemente resistente para retardar ou impedir a promoção das mulheres aos níveis hierárquicos mais altos dentro das organizações. Tais barreiras não têm relação com a competência ou a capacidade profissional feminina, mas estão relacionadas a fatores culturais e estruturais que reproduzem desigualdades de gênero, e dentre esses fatores destacam-se estereótipos que assim como no duplo julgamento, associam mulheres à esfera doméstica ou ao cuidado com filhos, reforçando a percepção de que possuem menor disponibilidade ou comprometimento com sua carreira profissional, contribuindo para limitar sua oportunidade de ascensão hierárquica.

Nesse contexto, Jacinda Ardern (2025) surge como um exemplo que ilustra uma possibilidade de ruptura. Em seu livro “Um tipo diferente de poder”, a ex-primeira-ministra da Nova Zelândia defende um modelo de liderança baseado na empatia, na escuta e na coragem moral. Entretanto, ao longo de sua trajetória política, Ardern também enfrentou desafios relacionados ao gênero, como questionamentos sobre sua capacidade de liderar e críticas direcionadas a sua idade e a forma como conciliava o trabalho com a maternidade, além de precisar constantemente corresponder às expectativas contraditórias impostas às mulheres em cargos de poder elevado. Apesar disso, sua experiência demonstra que é possível exercer autoridade sem recorrer à agressividade, propondo uma redefinição ética e emocional do poder; ademais, Ardern mostra que o cuidado e a compaixão podem ser instrumentos políticos eficazes e estratégicos, contrariando a visão tradicional que associa esses valores à fraqueza. Por outro lado, é necessário enfatizar que sua experiência deve ser compreendida a partir do contexto cultural, político e social da Nova Zelândia, portanto, seu modelo de liderança não deve ser interpretado como algo universal, mas sim como uma referência que evidencia a possibilidade de construção de alternativas legítimas de exercer poder.

A atuação política de Ardern pode ser interpretada à luz da teoria de Sharp, que vê na diplomacia uma arte de comunicar diferenças sem recorrer à coerção. Essa concepção também ecoa no pensamento de Enloe, que propõe uma análise feminista das relações internacionais ao defender que não se pode compreender como

realmente a política internacional funciona sem considerar seriamente as experiências femininas. Como afirma a autora, “By taking women's experiences of international politics seriously, I think we can acquire a more realistic understanding of how international politics actually 'works'” (ENLOE, 2000, p.4).

Nesse sentido, a série *A Diplomata* (2023) constitui um objeto empírico que expõe o peso de exercer liderança em ambientes ainda dominados por valores masculinos e hierárquicos, e o poder político e diplomático segue estruturado sobre a exclusão e a desconfiança em relação à mulher. Assim, o referencial teórico aqui utilizado permite compreender a liderança feminina como força política legítima, embora ainda limitada por estruturas de gênero que perpetuam o machismo institucional e simbólico, condicionando a legitimidade das mulheres em espaços de poder.

ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DA PRESENÇA FEMININA NA DIPLOMACIA E SUA REPRESENTAÇÃO NA SÉRIE

A presença feminina na diplomacia passou por uma transformação significativa ao longo da história, saindo de uma posição invisibilizada e secundária para uma participação cada vez mais ativa nos processos de representação internacional e tomada de decisões. Entretanto, essa evolução ocorreu de forma lenta e marcada por barreiras sociais, políticas e culturais que refletem a desigualdade de gênero existente nas sociedades de diferentes períodos históricos.

Historicamente, a diplomacia foi estruturada como um espaço predominantemente masculino. Durante séculos, as mulheres foram excluídas das atividades diplomáticas formais, uma vez que as relações internacionais estavam associadas ao exercício do poder político e estatal, tradicionalmente reservado aos homens. Apesar disso, mulheres desempenharam funções diplomáticas indiretas e informais. Muitas atuavam como mediadoras, organizadoras de encontros e articuladoras de relações entre grupos políticos, embora raramente recebessem reconhecimento oficial por essas contribuições.

Após a Segunda Guerra Mundial, a expansão dos direitos civis e o fortalecimento dos movimentos feministas contribuíram para ampliar o acesso feminino ao mercado de trabalho e às instituições governamentais. A diplomacia

acompanhou parcialmente esse processo. Mulheres passaram a ocupar cargos de embaixadoras, negociadoras e representantes internacionais, deixando de exercer exclusivamente papéis de apoio ou funções associadas aos cônjuges de diplomatas. Ainda assim, a ascensão ocorreu de maneira desigual e lenta. Mesmo após o fim de barreiras legais, fatores como estereótipos de gênero, desigualdade na divisão do trabalho doméstico e dificuldades de ascensão profissional continuaram limitando a participação das mulheres em cargos de liderança.

Atualmente, observa-se um aumento expressivo da participação feminina na diplomacia internacional. Mulheres ocupam posições estratégicas em organizações multilaterais, negociações internacionais e embaixadas ao redor do mundo. Contudo, a igualdade plena ainda não foi alcançada. A sub-representação feminina em cargos mais altos demonstra a persistência de desafios estruturais. No Brasil, por exemplo, pesquisas recentes indicam baixa presença feminina em chefias de missões diplomáticas, revelando que o avanço quantitativo não significa necessariamente igualdade de oportunidades.

Desse modo, a evolução da presença feminina na diplomacia revela um processo de ruptura gradual com estruturas historicamente excludentes. Embora os avanços sejam significativos, a busca por igualdade não envolve apenas o aumento numérico da participação feminina, mas também mudanças institucionais e culturais capazes de garantir oportunidades mais equitativas. A representação vista em *A Diplomata* (2023) reforça essa discussão ao demonstrar que a conquista de espaço pelas mulheres na diplomacia ainda é acompanhada por desafios que refletem questões presentes na realidade contemporânea.

Análise do Episódio 1 da Temporada 1

O episódio “Onda da Cinderela” tem início quando Kate Wyler é convidada para uma sessão de fotos e entrevistas para uma revista britânica, com o objetivo de reforçar a “imagem amigável” da embaixada norte-americana. O título do episódio ironiza a forma como a diplomata passa a ser tratada como uma espécie de princesa, exaltada pela aparência e pelo carisma, mas desconsiderada em sua competência técnica e de negociação política. Contudo, o episódio mostra como essa mesma visibilidade é uma armadilha. Kate começa a ser tratada não como uma diplomata

experiente, mas como uma peça de relações públicas e até sua vestimenta é selecionada para transmitir feminilidade e empatia, contrariando seus gostos pessoais que evitavam vestidos. Sua competência passa a ser questionada, colegas homens sugerem que sua ascensão se deve à simpatia e ao charme, e não à capacidade técnica. Em uma das cenas centrais, ela confronta marido ao ser chamada de Cinderela, argumentando: “eu não sou a Cinderela, eu vim aqui ver 30 funerais” (2023, 12min28s-12min46s).

Enquanto os assessores e a mídia exploram sua imagem para fins diplomáticos e midiáticos, Kate se vê obrigada a lidar com a trivialização do seu papel, um reflexo das desigualdades de gênero presentes na política externa. Sua credibilidade é constantemente colocada à prova, exigindo que demonstre sua competência para além da imagem pública que lhe é atribuída. Essa representação dialoga com a análise de Cynthia Enloe (1989), que evidência como a diplomacia historicamente atribuiu às mulheres funções de representação e apoio simbólico ao Estado, valorizando sua atuação social e sua capacidade de fortalecer a imagem institucional, enquanto os espaços formais de decisão permaneceram predominantemente masculinos.

Nesse contexto, Teixeira e Mota-Santos (2022) observam que a cobertura midiática também reforça o descrédito das mulheres em posições de poder, ao enfatizar aspectos superficiais e estereotipados em detrimento de suas capacidades políticas. Segundo as autoras:

Verificou-se como as mulheres são alvos de estereótipos pela mídia, sendo criticadas quando não estão conformidade com o que é esperado para elas. Bem como, observou-se que as reportagens que falavam sobre as mulheres trazem questões irrelevantes na política, como as roupas e acessórios utilizados pelas políticas, contribuindo para a imagem de descrédito e desqualificação das mulheres nesse espaço. (TEIXEIRA; MOTA-SANTOS, 2022, p. 308).

Ao longo do episódio, Kate enfrenta comentários e julgamentos sobre sua aparência, revelando como sua imagem frequentemente se sobrepõe ao reconhecimento de sua competência profissional. Essa dinâmica aproxima-se da análise de Enloe (1989), segundo a qual a contribuição das mulheres para a diplomacia foi historicamente invisibilizada e subordinada às estruturas de poder

predominantemente masculinas.

Por outro lado, a conduta de Kate também ilustra aspectos da teoria de Paul Sharp (2009). Ao invés de reagir com agressividade às tentativas de deslegitimação, ela adota uma postura voltada ao diálogo, à contenção e à preservação das relações entre os atores envolvidos. Essa atuação dialoga com a concepção de Sharp (2009), segundo a qual a diplomacia exerce uma função de mediação entre diferentes grupos, favorecendo a comunicação, a administração de conflitos e a manutenção das relações internacionais.

A tensão central do episódio, entre aparência e autoridade, mostra como o espaço diplomático continua atravessado por um machismo simbólico que exige da mulher uma performance dupla: ser agradável e competente, bela e racional, emotiva e controlada. A “Onda da Cinderela” é, portanto, uma metáfora para a superficialidade com que o sistema político ainda lida com a presença feminina. Essa representação dialoga diretamente com o relato de Jacinda Ardern (2025) em *Um tipo diferente de poder: memórias de uma líder humanista*. Ao narrar sua trajetória como primeira-ministra da Nova Zelândia, Ardern evidencia que, em diversas ocasiões, sua aparência, idade, maternidade e estilo de liderança receberam maior atenção pública do que suas decisões políticas. A autora demonstra que mulheres em posições de liderança são frequentemente avaliadas por critérios que extrapolam sua competência profissional, sendo constantemente pressionadas a equilibrar características tradicionalmente associadas à feminilidade com atributos considerados indispensáveis ao exercício da autoridade. Assim como ocorre com Kate Wyler no episódio analisado, Ardern revela que a credibilidade feminina continua condicionada a expectativas contraditórias, evidenciando que a necessidade de provar continuamente sua capacidade permanece como um dos principais desafios enfrentados por mulheres em espaços historicamente masculinizados, como a política e a diplomacia.

Análise do Episódio 5 da Temporada 1

O episódio 5 intitulado, “Controlando os cães”, constrói-se a partir de um ambiente de tensões em que os personagens estão divididos por uma questão diplomática: a Rússia é a grande responsável pelo ataque ao porta-aviões britânico

HMS Courageous? Se sim, qual será a retaliação mais apropriada que o Reino Unido deve realizar? Diante disso, cabe à protagonista, Kate Wyler – embaixadora americana em Londres - encontrar respostas para o embate entre o primeiro-ministro da Inglaterra e o ataque aos navios britânicos no Golfo Pérsico. Nesse momento, a culpa pelo ataque está sendo atribuída à Rússia sob a hipótese de que Roman Lenkov teria sido utilizado pelo Kremlin como parte da operação.

O episódio se desenvolve em torno da necessidade de definir uma resposta proporcional ao ataque, capaz de promover uma retaliação sem desencadear um conflito de maiores proporções. Assim, as primeiras ações de retaliação sugeridas por Kate incluem a proibição da entrada de russos no território britânico e a imposição de sanções econômicas. No entanto, imbuído de autoconfiança e reproduzindo padrões tradicionais de masculinidade presentes na diplomacia, o primeiro-ministro britânico Trowbridge, reage impulsivamente, perpetuando descontrole e falta de profissionalismo, sem, em nenhum momento, ser questionado pela sua equipe. Esse cenário representa um curioso paradoxo dentro do campo diplomático.

Como citado anteriormente, segundo Sharp (2009), a diplomacia tem como finalidade administrar diferenças por meio da negociação e da comunicação entre os Estados. Sob essa perspectiva, a postura impulsiva adotada por Trowbridge contrasta com os princípios que orientam a prática diplomática. Diante disso, é possível enxergar que, historicamente, esse tipo de reação é atribuído à imagem da mulher e que a legitimação feminina no meio político é dificultada justamente pelo que se considera socialmente “coisa de mulher”.

Segundo Enloe (2000, p. 113), o modelo diplomático convencional foi construído sobre pressupostos de masculinidade, uma vez que "o sistema internacional contemporâneo coloca os homens uns contra os outros com tanta frequência que seu único ponto de identificação comum é uma noção compartilhada de masculinidade", sendo as negociações concebidas como relações "de homem para homem". A partir dessa perspectiva, é possível compreender que atributos tradicionalmente associados ao feminino, como a empatia, a sensibilidade e o cuidado, foram historicamente desvalorizados nos espaços de poder. Na narrativa, essa lógica é tensionada pela atuação de Kate Wyler, cuja capacidade de negociação demonstra que essas características não representam fragilidade, mas podem

constituir recursos relevantes para o exercício da diplomacia.

Em síntese, o contraste entre Kate Wyler e o primeiro-ministro evidencia como a série procura questionar estereótipos de gênero ao apresentar uma mulher que conduz negociações de forma estratégica e um homem que, mesmo ocupando uma posição de autoridade, age impulsivamente em momentos decisivos. Essa representação reforça a ideia de que características como diálogo, empatia e racionalidade não pertencem a um gênero específico. Ao mesmo tempo, essa leitura também merece ser vista com cautela, pois, ao retratar Kate como uma líder constantemente equilibrada, ética e conciliadora, a narrativa pode acabar criando novas expectativas sobre o comportamento das mulheres em posições de liderança, sugerindo que as mulheres precisam demonstrar essas qualidades para terem sua liderança reconhecida.

Assim, mais do que inverter papéis entre homens e mulheres, o episódio convida a refletir sobre os critérios que ainda são utilizados para legitimar a autoridade e a liderança na diplomacia contemporânea.

Análise do Episódio 6 da Temporada 2

Ao longo do episódio chamado *Dreadnought* (tradução livre: Encouraçado) da segunda temporada de *A Diplomata*, Kate Wyler passa a desconfiar da vice-presidente Grace Penn, percebendo que ela tem ligação direta com os eventos ligados ao ataque do porta-aviões britânico *HMS Courageous*. Nesse contexto, o episódio evidencia uma contradição central da participação feminina na diplomacia, tendo em vista que mesmo quando as mulheres alcançam posições elevadas de autoridade, sua legitimidade continua sendo questionada e constantemente condicionada à adaptação aos padrões masculinos. Desse modo, mesmo Grace Penn ocupando um dos cargos mais altos da política norte-americana, sua atuação demonstra que, para se sustentar dentro do sistema político, ela precisa frequentemente incorporar práticas tradicionalmente associadas à lógica coercitiva do poder patriarcal.

Contudo, apesar de Grace Penn ter alcançado um dos cargos mais elevados da política norte americana, sua trajetória demonstra que mesmo rompendo o teto de vidro as desigualdades de gênero não foram eliminadas. Sob esse viés, a série mostra que mesmo superando as barreiras invisíveis que dificultam a ascensão feminina aos

cargos de maior destaque, mulheres continuam sendo submetidas às expectativas impostas por um modelo patriarcal, precisando se reafirmar constantemente como uma figura política legítima. Nesse sentido, a ascensão de Penn não elimina as estruturas patriarcais, mas revela que tais estruturas se reorganizam por meio do descrédito e da exigência de adequação a modelos de liderança tradicionalmente masculinos.

A construção da personagem dialoga diretamente com a perspectiva de Cynthia Enloe (1989), que afirma que as mulheres, ao ingressarem em espaços políticos historicamente masculinizados, são pressionadas a reproduzir comportamentos tradicionalmente vinculados aos homens para serem reconhecidas como figuras legítimas de autoridade. Segundo Enloe (2000, p. 113), o modelo diplomático convencional foi construído sobre pressupostos de masculinidade, uma vez que “o atual sistema internacional coloca homens uns contra os outros com tanta frequência que o único espaço comum verdadeiramente cordial entre eles é uma noção compartilhada de masculinidade” (tradução nossa). Tal lógica pode ser observada não apenas neste episódio, mas ao decorrer da série, na medida em que a autoridade das personagens femininas como Grace Penn e Kate Wyler, permanece condicionada à adoção de padrões associados à masculinidade.

O episódio também evidencia o “duplo julgamento” discutido por Teixeira e Mota-Santos (2022), uma vez que enquanto homens em posições de poder frequentemente têm suas atitudes interpretadas como demonstração de liderança e firmeza, mulheres são vistas de maneira contraditória, pois quando demonstram sensibilidade, são avaliadas como frágeis e quando agem com dureza, tornam-se autoritárias ou moralmente questionáveis. Sob esse viés, Grace Penn, por exemplo, é construída como uma figura fria e calculista, enquanto Kate é constantemente pressionada a equilibrar racionalidade e empatia para manter sua credibilidade política.

Além disso, a presença de Hal Wyler reforça como a autoridade feminina permanece atravessada pela interferência masculina, visto que embora Kate seja a embaixadora e principal envolvida nas negociações, Hal frequentemente invade os espaços de decisão e interfere diretamente em acontecimentos políticos, demonstrando como a influência masculina continua sendo legitimada mesmo quando mulheres ocupam formalmente posições de liderança. Tal dinâmica ressalta que a

ascensão feminina não elimina automaticamente as estruturas patriarcais presentes não só na diplomacia, mas também em diversas áreas de atuação.

Assim, o episódio destaca que o principal desafio da participação feminina na diplomacia e na política contemporânea não é apenas ocupar espaços de poder, mas legitimar sua influência dentro de instituições historicamente estruturadas pela masculinização da autoridade política.

Análise do Episódio 3 da Temporada 3

No início do episódio três da terceira temporada, intitulado “The Riderless Horse” (O Cavalo sem Cavaleiro), é retratado o momento em que Kate Wyler enfrenta uma tensão entre sua vida pessoal e profissional, durante a recepção do funeral do ex-presidente dos Estados Unidos Rayburn. O diálogo com o Senador Pikorski revela o machismo que atravessa a diplomacia, uma vez que ele questiona sua competência diplomática com base em sua vida pessoal e levanta a questão da maternidade — “E as crianças? Os filhos, imagino?” — uma pergunta aparentemente inocente, mas carregada de estereótipos de gênero.

Esse questionamento representa desqualificação profissional, ao associar a figura da mulher ao espaço privado e ao cuidado doméstico, conforme discutem Teixeira e Mota-Santos (2022), pois ao invés de ser avaliada por suas habilidades diplomáticas, Kate é julgada por papéis sociais tradicionalmente femininos. Nesse sentido, há um duplo julgamento do papel da protagonista como diplomata e como esposa do vice-presidente, tendo em vista que nessa situação ela é avaliada por padrões contraditórios e desiguais em comparação aos homens.

A perspectiva de Cynthia Enloe reforça essa discussão ao afirmar que “*The personal is international*” (ENLOE, 1989), evidenciando que elementos frequentemente associados à esfera privada, como casamento, maternidade e papéis de gênero, não se encontram separados das estruturas políticas e institucionais. Ao contrário, tais aspectos atravessam as relações de poder e influenciam diretamente a forma como mulheres são inseridas, percebidas e avaliadas em espaços historicamente masculinizados, como a diplomacia. A perspectiva da autora permite compreender que desigualdades de gênero presentes no cotidiano também se manifestam no campo das relações internacionais, reproduzindo mecanismos de

hierarquização e deslegitimação da autoridade feminina.

Esse trecho reforça a noção de que o duplo julgamento ultrapassa a esfera institucional, porque a mulher em posição de liderança é avaliada não apenas por suas ações, mas por sua aparência e seu assentimento a expectativas de gênero, o que sustenta a deslegitimação de sua autoridade. A tensão entre o público e o privado também remete à teoria de Paul Sharp (2009), que define a diplomacia como prática da racionalidade e da discrição, características que, culturalmente, são negadas às mulheres, vistas como demasiado “emocionais”.

Ao lidar com o senador e com o marido em um ambiente público, Kate é forçada a encarar a neutralidade que se espera de seu papel condizente como esposa, deixando de lado sua função como profissional de alto escalão da diplomacia, não deixando transparecer a turbulência emocional e pessoal que, se revelada, seria usada contra ela.

Portanto, fica claro, que o episódio é mais um exemplo da persistência do machismo institucional na diplomacia, ele revela como as estruturas de poder continuam a exigir das mulheres a manutenção de uma imagem “adequada” para legitimar sua autoridade, e como, quando Kate Wyler desafia essas normas, a sociedade a lembra de que ela é desviante, anormal.

Assim, a trajetória da diplomata não só simboliza os avanços das mulheres na ocupação de cargos de liderança, mas também revela que sua presença ainda é marcada por resistência e descrédito. A série mostra que essa inserção não é apenas uma conquista numérica, mas uma luta constante por reconhecimento e pela redefinição das estruturas de poder tradicionalmente associadas à masculinidade, considerando que a diplomacia continua sendo um espaço definido por parâmetros masculinos, onde a mulher precisa reproduzir o comportamento racional e agressivo para ser reconhecida.

DISCUSSÃO

A análise dos episódios evidencia que, embora A Diplomata utilize recursos próprios da ficção para construir sua narrativa, muitos dos desafios enfrentados por Kate Wyler dialogam com debates presentes na literatura sobre gênero e diplomacia. A série não reproduz fielmente a prática diplomática, mas utiliza situações ficcionais

para problematizar questões relacionadas à autoridade, legitimidade e participação feminina em espaços historicamente masculinizados. Essa liberdade narrativa evidencia a tensão entre a autoridade formal conferida ao cargo e a legitimidade simbólica constantemente exigida das mulheres em espaços de poder. Nesse sentido, Ann E. Towns (2020) argumenta que a diplomacia foi historicamente estruturada a partir de padrões masculinos de comportamento, nos quais a autoridade costuma ser associada à rigidez, ao autocontrole e à capacidade de impor força.

Dessa forma, mulheres que ocupam cargos diplomáticos muitas vezes enfrentam uma cobrança maior para demonstrar competência, já que características ligadas ao cuidado, à escuta e à sensibilidade ainda são vistos como menos compatíveis com posições de liderança. Essa construção histórica ajuda a compreender por que mulheres em posições diplomáticas em diversos casos precisam demonstrar competência de maneira mais intensa do que seus colegas homens para alcançar o mesmo nível de reconhecimento institucional.

Em *A Diplomata* (2023), essa dinâmica é ilustrada pela atuação de Kate Wyler que utiliza diálogo, persuasão e inteligência relacional para resolver conflitos políticos complexos. Towns também aponta que práticas como negociação e mediação costumam ser classificadas como “suaves” em oposição às respostas militares, tradicionalmente associadas ao masculino. A série, portanto, questiona essa hierarquia ao mostrar que estratégias baseadas em cooperação e influência podem ser tão eficazes quanto ações mais agressivas.

Kate Wyler é constantemente pressionada para se apresentar simultaneamente firme, como uma figura de poder, e empática, como uma figura feminina, enquanto figuras masculinas como a do primeiro-ministro, tem completa liberdade para agir com impulsividade e sem consideração pelos seus colegas, sem ter sua competência questionada ou uma reprimenda pública por seu comportamento. Essa contradição é justamente o que Teixeira e Mota- Santos (2022) chamam de duplo julgamento.

Nesse contexto, Jacinda Ardern (2025) oferece uma reflexão que amplia esse debate. Em *Um tipo diferente de poder*, a autora relata as dificuldades enfrentadas ao exercer uma liderança baseada na empatia, na escuta e na construção de consensos em um ambiente político que frequentemente associa autoridade à firmeza, à competitividade e ao confronto. Ao longo da obra, Ardern demonstra que esse modelo

de liderança não elimina conflitos nem barreiras, ao contrário, evidencia os desafios de sustentar uma postura colaborativa em estruturas políticas ainda marcadas por expectativas tradicionais sobre o exercício do poder. Sua experiência mostra que a empatia não substitui a autoridade, mas constitui uma forma distinta de exercê-la, frequentemente submetida a questionamentos e julgamentos mais intensos.

Essa perspectiva ajuda a interpretar a atuação de Kate Wyler em *A Diplomata*. Assim como Ardern descreve em sua experiência política, Kate recorrentemente utiliza a negociação, a escuta e a inteligência relacional para resolver conflitos sem recorrer à agressividade. No entanto, essas características não eliminam os questionamentos sobre sua capacidade de liderança, ao contrário, muitas vezes são interpretadas como sinais de fragilidade por outros personagens, mostrando o mesmo tipo de tensão discutido por Ardern. Esses aspectos ficam evidentes nos episódios 5 e 6 da temporada 1, quando Kate convence o Primeiro-Ministro britânico a tomar uma decisão racional e estratégica sem demonstrar agressividade, apenas usando bons argumentos e uma linguagem compassiva. Seu objetivo nesses episódios era encontrar a melhor solução diplomática para lidar com a possibilidade de a Rússia ser a grande responsável pelo ataque ao porta-aviões britânico.

Nesse momento, o primeiro-ministro apostava em uma ação agressiva e violenta contra a população civil russa, mas Kate o convence de que o melhor caminho é sabotar o fluxo da moeda russa entre Reino Unido e Rússia, impedindo o uso da força bruta e usando sua influência econômica sobre a Rússia. Além disso, Ardern mostra que o cuidado e a compaixão podem ser instrumentos políticos eficazes e estratégicos, contrariando a visão tradicional que associa esses valores à fraqueza. Para Ardern, empatia e firmeza não são características incompatíveis, mas dimensões complementares do exercício da liderança política e diplomática.

A experiência relatada por Ardern dialoga com as perspectivas de Sharp e Enloe ao demonstrar que o exercício da diplomacia e da autoridade pode estar fundamentado na negociação, na escuta e na construção de consensos. Em vez de retomar integralmente essas abordagens, a trajetória da ex-primeira-ministra reforça como esses princípios podem ser observados na prática, ainda que enfrentem resistências em estruturas políticas historicamente marcadas por padrões masculinos de poder.

As análises desenvolvidas ao longo desta discussão indicam que a série *A*

Diplomata estabelece um diálogo consistente com debates presentes na literatura sobre gênero e diplomacia. Embora se trate de uma obra ficcional, cuja narrativa recorre a recursos dramáticos e situações por vezes exageradas, os conflitos vivenciados por Kate Wyler permitem problematizar desafios amplamente discutidos por autoras como Enloe (1989), Teixeira e Mota-Santos (2022), Towns (2020) e Ardern (2025), especialmente aqueles relacionados à legitimidade da atuação diplomática feminina, ao duplo julgamento e às formas de exercer liderança em espaços historicamente masculinizados. Dessa forma, mais do que representar fielmente a prática diplomática, a série funciona como um instrumento de reflexão sobre questões que permanecem relevantes para a compreensão das relações de poder nas Relações Internacionais.

CONCLUSÃO

A análise da série *A Diplomata* (2023) evidencia que a presença feminina na diplomacia continua marcada por contradições e resistências estruturais. Embora haja avanços na ocupação de espaços de poder por mulheres, as práticas políticas e diplomáticas ainda se sustentam sobre uma lógica patriarcal que associa autoridade à racionalidade masculina e desqualifica atributos como empatia, diálogo e cuidado. Ao longo dos episódios analisados, percebe-se que personagens femininas como Kate Wyler e Grace Penn não enfrentam apenas desafios políticos e diplomáticos, mas também deslegitimação e julgamento de gênero, que comprovam como o poder continua associado a padrões historicamente masculinos.

Os episódios analisados reforçam essa tensão ao revelar que a irracionalidade e o descontrole, tradicionalmente imputados às mulheres, também são traços presentes na liderança masculina, a série desconstrói a ideia historicamente difundida de que os homens seriam naturalmente mais preparados para exercer o poder político. Ademais, em diversos momentos da série, personagens masculinos ocupando posições de autoridade demonstraram impulsividade, agressividade e decisões guiadas pelo ego e pela necessidade de afirmar seu poder, sem que isso compromettesse sua legitimidade institucional. Por outro lado, as mulheres, ao menor sinal de emoção, insegurança ou firmeza excessiva, tem sua competência colocada sob suspeita, evidenciando a existência de critérios desiguais de avaliação dentro do

mundo político e diplomático.

Nesse contexto, a personagem Kate Wyler rompe com o estereótipo de fragilidade ao demonstrar que o exercício da diplomacia pode se fundamentar em equilíbrio, comunicação e responsabilidade ética. Sua postura reafirma a ideia defendida por Ardern (2025) de que é possível exercer o poder de maneira firme e compassiva, redefinindo os conceitos do que se entende por liderança eficaz. Durante a trama, Kate utiliza estratégias baseadas na negociação, escuta ativa, inteligência relacional e mediação de conflitos, características frequentemente associadas à feminilidade e tradicionalmente desvalorizadas nos espaços de poder. Entretanto, é justamente por meio dessas habilidades

que ela consegue evitar escaladas de tensão, construir acordos e influenciar decisões políticas de grande impacto internacional.

Além disso, a análise da protagonista revela como mulheres em cargos diplomáticos precisam constantemente administrar não apenas crises políticas, mas também expectativas sociais projetadas sobre seus corpos, vestimentas, emoções, escolhas pessoais e comportamentos, visto que ao decorrer das temporadas, Kate é pressionada a manter uma postura simultaneamente firme e agradável, racional e empática, sem ultrapassar os limites do que é considerado “aceitável” para uma mulher

Assim, o estudo permite concluir que a inserção das mulheres na diplomacia não representa apenas uma conquista numérica, mas a possibilidade de uma ressignificação do exercício do poder. Contudo, conforme analisado, essas possibilidades seguem cercadas por estruturas institucionais e culturais atravessadas por relações de gênero, o que indica que se trata mais de um processo de transformação do que de uma transformação consolidada. Ao introduzir novas formas de mediação e autoridade, a liderança feminina desafia o modelo hierárquico e competitivo tradicional, apontando para um paradigma mais inclusivo e cooperativo. Entretanto, ainda que persistam barreiras culturais e institucionais, a presença de figuras como Kate Wyler, e das mulheres reais que ela simboliza, demonstra que a diplomacia contemporânea está em processo de reconstrução, abrindo espaço para um poder baseado não na dominação, mas na empatia, na escuta e na

transformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A DIPLOMATA. Criação de Debora Cahn. Estados Unidos: Netflix, 2023—. Série de televisão. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81288983>. Acesso em: 14 out. 2025.

AGGESTAM, Karin; TOWNS, Ann E. (org.). *Gendering diplomacy and international negotiation*. Cham: Palgrave Macmillan, 2018.

ARDERN, Jacinda. *Um tipo diferente de poder: memórias de uma líder humanista*. 1. ed. São Paulo: Objetiva, 2025.

CARTA CAPITAL. Mulheres diplomatas criticam baixa representatividade em missões do Itamaraty. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/mulheres-diplomatas-criticam-baixa-representatividade-em-missoes-do-itamaraty/>.

DERIAN, James. *Diplomatic theory of international relations*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/diplomatic-theory-of-international-relations/091F06C12F7C4448912AB1D071E463EE>. Acesso em: 18 out. 2025.

DIÁRIO INDÚSTRIA & COMÉRCIO. Mulheres são 45% das pessoas aprovadas no mais recente concurso do Itamaraty. 25 jun. 2026. Disponível em: <https://www.diarioinduscom.com.br/Noticias/885852/mulheres-sao-45-das-pessoas-aprovadas-no-mais-recente-concurso-do-itamaraty>.

ENLOE, Cynthia. *Bananas, beaches and bases: making feminist sense of international politics*. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2000.

MCCARTHY, Helen. *Women of the world: the rise of the female diplomat*. London:

Bloomsbury, 2014.

NAÇÕES UNIDAS. Centro Regional de Informação para a Europa Ocidental (UNRIC). A importância das mulheres na diplomacia. Lisboa, 24 jun. 2024. Disponível em: <https://unric.org/pt/a-importancia-das-mulheres-na-diplomacia/>.

NAÇÕES UNIDAS. ONU News. Dia Internacional das Mulheres na Diplomacia destaca avanços e desafios. 24 jun. 2026. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2026/06/1853521>.

OLSSON, Louise; TRYGGESTAD, Torunn L. (org.). *Women and international peacekeeping*. London: Frank Cass, 2001.

TEIXEIRA, Marcella; MOTA-SANTOS, Carolina. Mulheres na política: uma revisão sistemática. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, Salvador, v. 8, n. 2, p. 284–315, 2022. DOI: <https://doi.org/10.9771/cgd.v8i2.42072>.

TICKNER, J. Ann; SJOBERG, Laura (org.). *Feminism and international relations: conversations about the past, present and future*. London: Routledge, 2011.

TOWNS, Ann E. “Diplomacy is a feminine art”: feminised figurations of the diplomat. *Review of International Studies*, Cambridge, v. 46, n. 5, p. 573–593, 2020. Disponível em: Cambridge University Press. Acesso em: 14 maio 2026.